

ASPETOS DA REFLEXÃO SOBRE O MITO EM ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

José Acácio Castro

Universidade Católica Portuguesa/ Faculdade de Teologia
Rua Diogo de Botelho, 1327, 4169-005 Porto - Portugal
(351) 226 196 200 | comunicacao@porto.ucp.pt

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre o conceito de "mito" na obra de
António Braz Teixeira.

Palavras-chave: Filosofia, Mito, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will discuss the concept of "myth" in the work of António
Braz Teixeira.

Keywords: Philosophy, Myth, António Braz Teixeira

Na extensa e multifacetada obra filosófica de António Braz Teixeira a reflexão sobre o mito ocupa um lugar singular e de relevo.

Manifestando-se intermitentemente em diversos estudos, culmina com a publicação em 2014 da obra *A Teoria do Mito na Filosofia Luso-Brasileira Contemporânea*¹, compilação de cerca de duas dezenas de estudos.

Surge inevitavelmente a questão: porquê esse sempre presente interesse pelo mito, num autor que une a ampla especulação filosófica ao rigor racional e analítico?

A meu ver são dois os principais motivos.

Em primeiro lugar, e seguindo a expressão de Miguel Real, António Braz Teixeira *“funda a sua reflexão filosófica no enigma, no mistério da existência”* abrindo-a a um *“horizonte aporemático”*(...) *“incapacitando assim, constitutivamente, a filosofia de augurar soluções definitivas para os seus problemas fundamentais”*². Ou seja, encontrando no mito um terreno fértil para as suas perenes e inesgotáveis interrogações. Embora não deixem de ser radicais e totalizantes na sua problematização, como é prática teórica constante no autor.

Em segundo lugar, a adoção da tese de um dos seus mestres, José Marinho, considerando a Filosofia como reflexão *“situada”*, ao mesmo tempo que o desvia de um racionalismo estritamente especulativo e teoricista, garante um *“solo”* ao seu pensar, acora as formulações metafísicas, teodiceicas, ontológicas, numa *antropologia situada*, sendo hoje claramente perceptível que esse *solo* e essa *antropologia* têm a configuração da lusofonia. Uma lusofonia universalista que mesmo subindo em espiral nas suas intuições metafísicas mais emblemáticas, não perde as suas raízes. Neste sentido, nada de mais estimulante do que o estudo arqueológico dessa misteriosa mistura de narrativa, imagem e pensamento que é o mito.

Mas se o continente do seu pensamento é a lusofonia, António Braz Teixeira, de modo laborioso, a cinzel, ressuscitando textos esquecidos, trazendo à luz autores votados a uma certa penumbra, moldou-lhe um rosto: a Razão Atlântica. E que ele define do seguinte modo: *“(A noção de Razão Atlântica) exprime e consubstancia a especificidade e a singularidade ou “forma mentis” em que se inscrevem e para que convergem as demandas filosóficas dos pensadores luso-brasileiros”*³.

¹ Braz Teixeira, António – *“A Teoria do Mito na Filosofia Luso-Brasileira Contemporânea”*, Ed. Zéfiro, Sintra, 2014.

² Real, Miguel – *“O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010”*, I.N.C.M., Lisboa, 2011, p. 886.

³ Braz Teixeira, António – *“Formas e percursos da Razão Atlântica: Estudos de Filosofia Luso-Brasileira”*, Editora da Universidade Estadual Londrina, 2001, p. 1.

Este espaço geográfico-antropológico cedo seria ampliado à Galiza, e a outros países lusofonos como Cabo Verde e Angola, com particular atenção às expressões poéticas do pensamento.

Ora se António Braz Teixeira estabelece assim um “*radical vínculo substancial, ontológico, entre pensamento e linguagem*”, se “*radica a razão humana num conjunto de atividades e expressões (sensação, imaginação, intuição...) que, sendo formas de irracionalidade, não a contadizem, limitam ou excluem*”⁴, o estudo das construções míticas e daqueles que as pensam, nomeadamente os autores que se situam no âmbito geo-antropológico que elegeu, não podiam ser-lhe indiferentes.

Mas revisitemos os autores por ele estudados, enfatizando as intuições essências de cada um.

António Braz Teixeira considera Amorim Viana como a primeira referência de uma efetiva reflexão sobre o mito no pensamento português contemporâneo. O filósofo matemático considerava ser o estudo dos mitos “*tarefa árdua e embaraçosa*” já que ao referir-se a algo que tendo sempre “*o que quer de misterioso*”, se furtava à reflexão, entrando na zona do inexplicável.

No entanto, segundo o filósofo portuense seria de afastar a hipótese de uma criação intencional subjetiva do mito, pois existindo um certo carácter de necessidade na sua criação, nele a *ideia* e o *facto* se encontram unidos e incorporados, tendo aqueles que os criaram agido por impulsos que estavam além ou aquém da sua consciência, Assim, e citando o nosso autor, segundo Amorim Viana “*o mito caracterizar-se-ia, por um lado, por uma certa necessidade na sua formação e, por outro, por aqueles que o produzem ignorarem o seu carácter mítico*”⁵.

O espiritualismo e pantiteísmo que caracteriza o pensamento de Cunha Seixas apresenta uma perspectiva sobre a questão bem diversa do racionalismo crítico de Amorim Viana.

Cunha Seixas desenvolve todo um trabalho de refundação epistemológica sobre os estudos que abordam o mito estabelecendo relações e delimitando campos reflexivos entre a *teodiceia*, a *filosofia da religião* e a *mitologia comparada*.

Num lugar e função de destaque, a *filosofia da religião* engloba quer um corpo doutrinário estabelecido por uma certa autoridade, quer um conjunto de doutrinas filosóficas que decorrem de elementos permanentes da natureza humana, e que

⁴ Real, Miguel – “*O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010*”, p. 889.

⁵ Braz Teixeira, António – “*A Teoria do Mito na Filosofia Luso-Brasileira Contemporânea*”, p. 12.

conduzem à adoração de um ente supremo, cuja base residiria no próprio *crer humano*, que sendo superior e transcendente, orientaria o destino do homem “*revelando-lhe uma vida futura, imortal e superior à terrena*” (*Id., ibid.*, p.13).

Dirigindo a reflexão para esse símbolo da vida universal, a filosofia da religião, percorrendo os mitos enquanto seu objecto, conduz-nos à *concepção universal de princípios simples e únicos*, que apesar da sua diversidade espaço-temporal, nos transportam ao reconhecimento quer da *unidade de Deus* quer da *unidade da humanidade* (*Id., ibid.*, p. 14).

Segundo António Braz Teixeira estes dois autores oitocentistas juntamente com Silvestre Pinheiro-Ferreira constituem o *pórtico* da reflexão sobre o mito feita pelo pensamento lusófono contemporâneo, que a partir de 1930 com José Marinho e Eudoro de Sousa, ganharia um novo impulso na novidade e multiplicidade de estudos e autores.

Aberto esse pórtico perfila-se um conjunto de autores revisitados e reestudados por António Braz Teixeira, que deste modo nos garante uma panorâmica histórico-filosófica exaustiva.

Somos convocados a detalhadas reflexões sobre: o positivismo crítico de Teófilo Braga abrindo a sociologia ao estudo do mito e das origens da religião; a profunda unidade que Oliveira Martins estabelece entre mito e religião; a exploração da dimensão simbólica do mito em Aarão de Lacerda; o relevo dado por Teixeira Rego à dimensão narrativa e dramática permitindo unir mito e rito; a matriciação etnológica e antropológica do mito em Agostinho da Silva; a exploração da dimensão onto-estética do mito em Almada Negreiros; a radicação de todo o universo mítico-religioso no *ser originário* em José Marinho; a definição do mito como exegese simbólica e enunciação da sua continuidade através da Filosofia em Eudoro de Sousa; o mito como palavra original e fundadora em Vicente Ferreira da Silva; a noção de mito como cruzamento compreensivo de subjetividades revelado na palavra poética em Milton Vargas; a noção de mito como indiciação simbólica em Renato Cirell Czerna; a definição dos *mitologemas* como unidades simbólicas constitutivas do mito em Adolpho Crippa; a definição do sagrado enquanto *mysterium tremendum* como noção anterior à de divino ou Deus em Gilberto de Mello; a ontologia linguística na definição de um sistema de símbolos em Vilém Flusser; o mito como *interrogação inicial, indefinida suspensão* em Vergílio Ferreira; a perspectiva junguiana de António Quadros remetendo o mito para o inconsciente individual e coletivo; o mito que sendo sempre *mito da origem*, remete

sempre também para um *tempo primordial*, para o *antropológico desejo de recuperar a origem* e que na nossa cultura tem um nome, *saudade*, tal como teoriza Afonso Botelho; o mito como *arquétipo sagrado e revelação primordial* em Dalila Pereira da Costa, relevando o papel singular que também ela atribui ao *mito da saudade* na nossa cultura; e, finalmente, o mito como intuição da realidade e projeção dos desejos e temores humanos em Urbano Zilles.

Um arco muito alargado, mas também um arco que unindo 12 portugueses a 7 brasileiros, une pensamento português e pensamento brasileiro, concretizando a noção e o ideal de uma efetiva Razão Atlântica. Quer pelo enquadramento geo-antropológico para que remete, quer pela configuração insistente de uma razão que, sempre unida à sensibilidade e emoção estéticas e à intuição metafísica, e por elas convocada, se afirma como meta-razão.

Por si só este facto já faria desta ampla reflexão um complexo convergente e coerente com um dos desígnios essenciais da obra de António Braz Teixeira. Mas a sua importância não fica por aqui, justificando-se agora um parêntese reflexivo. E isto porque o pensamento de António Braz Teixeira tem uma manifesta cumplicidade ou afinidade com dois dos autores referidos: Afonso Botelho e Dalila Pereira da Costa. Une-os a reflexão sobre a *saudade*, o facto de fazerem desta noção/intuição uma das traves-mestras da identidade de suas filosofias. E refiro-me, no que aqui concerne, à *saudade* também como mito.

António Braz Teixeira prolonga a dimensão especulativa que encontramos na mística experiencial da *saudade* em Dalila Pereira da Costa, na Teoria da *saudade*, esse *sublime saber do coração*, em Afonso Botelho, admite a mesma centralidade antropológica e ontológica da *saudade* que encontramos em ambos, mas cria o seu próprio caminho interpretativo. E em primeira instância, por uma criteriosa utilização da razão crítica e hermenêutica, ao traçar com rigor uma genealogia da *saudade* na cultura e no pensamento português.

No paradigmático artigo *“Introdução à Filosofia da Saudade”*⁶ o nosso autor defende a tese da evolução do sentimento saudoso galaico-português da *saudade*, desenvolvendo e explicitando a teoria de sete ciclos históricos da *saudade*, desde os

⁶ Braz Teixeira, António – *“Introdução à filosofia da saudade”* in *“Deus, o Mal e a Saudade”*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993. Embora o artigo tenha surgido pela primeira vez na *Revista Brasileira de Filosofia* (nº153, Jan/Março de 1989).

primeiros cancioneiros galaico-portugueses até à contemporaneidade do pensamento luso-galaico brasileiro.

Não cabendo aqui a sua descrição, urge destacar que nesse longo processo evolutivo, emergem, quais relevos antropologico-culturais, alguns mitos saudosistas. Por ordem cronológica, o *mito de Inês de Castro*, o *mito sebastiânico*, e o *mito do Quinto Império*. Fixando e dando forma a expectativas, desejos, atitudes ético-culturais de um povo, de uma Nação e, dessa forma, tornando-se elementos constitutivos da identidade desse mesmo povo.

Se tomarmos como ponto de partida o *Mito de Inês de Castro* e, em fases posteriores o *Mito do Quinto Império*, ou o *saudosismo* presente na poética-filosófica de Teixeira de Pascoaes ou na Filosofia de Leonardo Coimbra, a referida evolução tem dois sentidos: um, claramente ascensional; outro, de alargamento e multidirecionalidade horizontal. Um sentido de transcendência e de universalidade.

Esta evolução é traduzida pelo modo como António Braz Teixeira enquadra dos *mitos saudosistas* na interpretação da própria noção de saudade, quando refere no Prefácio à obra *Deus, o Mal e a Saudade* que “a experiência religiosa, partindo do numinoso dos mitos, ascende à sublimidade do sagrado e do divino ou se eleva à união mística” (...) “sendo no plano ontológico do enigma e do mistério”⁷ que encontramos mais plena expressão da interrogação filosófica e religiosa.

Primeiro patamar de expressão do *numinoso*, do *divino*, é da própria natureza do mito, *dever um outro*. O *espanto*, a *admiração*, o *enigma* e o *mistério* próprios da natureza humana impedem-no de se quedar no plano narrativo e antropomórfico, e através da experiência mística ou especulativa eleva-se natural e progressivamente ao domínio Filosófico (onto-gnoseológico), Teosófico ou Teológico.

Vemos aqui também como entre uma perspectiva interpretativa da saudade mais num âmbito fenomenológico-antropológico ou num âmbito onto-gnoseológico, António Braz Teixeira opta claramente pela segunda, reforçando a ideia do *mito* como uma realidade sempre inacabada e em *dever* e *superação*.

Por outro lado, e continuando a centrar-nos nos *mitos da saudade* luso-galaicos, embora fiel à própria fenomenologia histórica que trata com todo o rigor crítico, António Braz Teixeira não deixa de sublinhar a tendência da progressiva universalização.

⁷ Braz Teixeira, António – “Prefácio” in “*Deus o Mal e a Saudade*”, ed.cit., p. 7.

A agregação e convocação de cada vez mais povos, mais continentes a esse fator de unidade na universalidade que é o próprio mito. E embora se revele muito prudente face à tentação de enveredar por hermenêuticas excessivamente messiânicas, na evolução da *mitologia da saudade* Braz Teixeira entende um claro indício da nossa, como povo, vocação à universalidade, à promoção do entendimento ou mesmo comunhão entre outros povos, sob o manto de matrizes culturais comuns, o que aliás já está bem expresso na noção de Razão Atlântica.

Vendo em retrospectiva a globalidade da sua obra, o hercúleo esforço de estabelecer pontes práticas, teóricas e espirituais entre Portugal, Galiza, Brasil e outros países lusófonos creio não errar se afirmar que a sua interpretação da *saudade*, sem esquecer a teorização dessa “*razão para além da razão*” ou a experiencialidade metafísica e mesmo mística, vai sobretudo no sentido de relevar “*essa raíz afetiva e espiritual*” que une todos esses povos, numa dinâmica de universalidade fraterna.

Os mitos são marcos nesse caminho, belos e inevitáveis, como todas as grandes obras de cultura. E se os mitos podem ser entendidos como fatores de revitalização da cultura, também a *saudade*, segundo o nosso autor, deve ser entendida não como um fator de empobrecimento cultural pela via do fatalismo pessimista, mas, pelo contrário, de revitalização, ao trazer, simultaneamente, passado e futuro ao presente, catalizando novas expectativas e vias de ação culturais criativas e unificantes.

Retomando a questão do mito tal como é visto pelo pensamento luso-brasileiro contemporâneo, e a meta-reflexão feita por António Braz Teixeira, podemos dizer que este autor ancora a fundamentação epistemológica da sua análise na tríade Filosofia da Religião-Teodiceia-Mitologia Comparada.

No entanto, o multifacetado edifício que é esta obra desdobra-se, multiplicando e superando este mesmo fundamento.

Segundo a minha interpretação podemos encontrar quatro perspectivas essenciais onde se integrariam autores e temas, não como se de compartimentos se tratasse, mas como faces de um poliedro em recíproca interação. Eles seriam:

- Abordagem a partir da Antropologia Cultural, com ligações à Sociologia e História da Cultura. Como exemplos mais nítidos temos o caso de Teófilo Braga, Oliveira Martins, mas também Agostinho da Silva e Almada Negreiros. Nestes dois últimos acrescentando uma componente ontológica ou ontologizante às perspectivas referidas.
- Abordagem predominantemente Mística e Esotérica. Esta bastante diferenciada de autor para autor, mas podendo apontar-se como exemplo mais modelar Dalila Pereira da

Costa. E, neste caso, também com uma forte ligação a uma dimensão simbólico-arquetipal. Aliás estas duas perspectivas complementam-se surgindo frequentemente unidas no mesmo autor.

- Abordagem Simbólico-arquetipal. Nela se enquadram múltiplos autores: António Quadros, Urbano Zilles, Eudoro de Sousa (neste com uma particular teorização sobre a noção de *codificação do mistério*), Vilem Flusser (aqui com particular teorização sobre a noção de *língua e linguagem* subjacentes ao mito) e Gilberto de Melo. Curiosamente constatamos que os autores brasileiros se enquadram maioritariamente nesta abordagem.

- Finalmente, a abordagem existencial ou existencialista onde claramente se destaca Virgílio Ferreira com a sua noção de mito como interrogação inicial.

Esta estruturação, por um lado, ajuda-nos a *arrumar* o nosso próprio pensamento perante o abundante material teórico oferecido pelo autor; por outro, dá-nos conta que estamos perante uma obra onde o fluir discursivo não manifesta, ou pelo menos não transparece uma ordem mais complexa que lhe subjaz.

É mais um fator a comprovar que estamos perante uma obra que se excede permanentemente, abrindo-nos novos horizontes hermenêuticos, surpreendendo-nos pelo modo como se abre quer em longitude (na diversificação dos horizontes temáticos) quer em latitude (na diversificação do universo ideossincrático e geográfico dos autores).

Neste sentido caracterizaria esta obra, que condensa a reflexão de António Braz Teixeira sobre o mito, como uma obra que se *excede a si mesma*, uma obra *aberta* no sentido originário do termo, precisamente abrindo-nos horizontes de informação e interpretação sempre *mais além*, ou, permitindo-nos uma figuração, *mais além-mar*.

Salientamos dois elementos distintivos da reflexão de António Braz Teixeira sobre o mito: o vínculo de ligação e fator de união arque-filosófica entre Portugal e Brasil, entre a lusofonia na generalidade, indutor do que devirá a Razão Atlântica; a fundamentação epistemológica policêntrica e abrangente de todas as configurações míticas e teorias sobre o mito estudadas. Mas existe um terceiro elemento não menos importante.

De um modo nunca apologético mas discreto, frequentemente indireto, através de estudos sobre outros autores, António Braz Teixeira vai sedimentando de forma consistente a convicção de que a Revelação Cristã, foi e continua sendo o modo mais elevado e pleno de manifestação de Deus ou do divino no mundo humano.

Recorrendo precisamente a um desses estudos “*Filosofia e Religião no Pensamento Português Contemporâneo*” - Leonardo Coimbra”, podemos ler:

“Cristo é, assim, para Leonardo Coimbra, a saudade da terra e do céu, das criaturas e do criador, pois o movimento e o motor imóvel só na aparência foram separados, até que essa aparência foi rasgada pela saudade para que o corpo de Jesus se erguesse por entre os homens. Cristo é, pois, o ponto de encontro de duas saudades que se abrigam na sua alma: o mundo ideal, motor imóvel e impassível, Deus e a sua solidão e o pobre mundo sensível, a desgraça e o abandono dos homens, que com aqueles apenas comunica pelo que na razão humana é presença da divina razão. Deus tocado pela piedade não é mais então que o Deus saudoso dos remotos mundos da matéria (...) Cristo, sendo o amor vivo, excedente e comunicativo, é a grande unidade em que o amor dos homens se confunde, de novo, com o próprio amor de Deus”⁸.

Através da palavra de Leonardo Coimbra, e se for legítima a interpretação, creio que é o próprio pensamento de António Braz Teixeira que aqui surge espelhado. Embora tenhamos que complementar esta perspetiva, no cruzamento com outros textos do autor, com conteúdos onde a natureza Trinitária de Deus e um otimismo criacionista são bem manifestos, e até corrigindo aspetos contidos no texto citado.

Neste sentido, e correndo os riscos de simplificação inerentes a qualquer tentativa de classificação, caracterizaria o pensamento filosófico de António Braz Teixeira, também no que concerne à sua abordagem do mito, como um teísmo, melhor, um panenteísmo crístico, criacionista, mas de inspiração gnóstica, onde a *saudade* ocupa um lugar ontognoseológico e antropológico central. No que concerne a essa matriz gnóstica, por tal não entendemos uma opção filosófica pela tradição de um dualismo neo-platónico, mas antes a utilização sistemática da razão crítica e hermenêutica no fecundo diálogo Fé/Razão, diríamos de uma razão harmónica, e uma primazia aos procedimentos gnoseológicos na decifração quer da génese, quer das estruturas inerentes às formulações ou intuições metafísicas essenciais.

Mas, e retomando essa terceira característica essencial, a centralidade da revelação cristã, não impede, pelo contrário, cataliza, irradia a questionação das plurais manifestações do divino que são os mitos, e que constituem a arqueologia ou mesmo a derivação do cristianismo ou outras grandes religiões.

⁸ Braz Teixeira, António - “*Filosofia e Religião no Pensamento Português Contemporâneo*”, in “*Ética, Filosofia e Religião- Estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*”, Ed.Pendor, Évora, 1997, p. 54.

Assim, o estudo sobre os mitos em António Braz Teixeira traduz-se na cativante e fundamentada descrição dessa excedência de significação na relação homem/sagrado manifestada pelos mitos e pela pluralidade das suas leituras. Quer na própria constelação de sentido que eles constituem, Dalila Pereira da Costa utiliza a expressão “*melodia incessante em registos harmónicos*”⁹, quer na derivação que sugerem face às narrativas filosóficas e religiosas mais instituídas e sociologicamente maioritárias.

O pensamento de António Braz Teixeira sendo criticamente fundamentado não é essencialista e sendo de grande consistência teórica não é teoricista. Este facto projeta-se na sua reflexão sobre o mito. Embora encontremos quer as descrições analíticas dos mitos, quer as diversas hermenêuticas sobre eles consistentemente teorizadas o autor não se limita a uma interpretação teoricista do mito, desenraizando-o do *solo existencial* que o gerou e onde vive.

Assim, se a matriz onto-gnoseológica seja dominante no seu pensamento, a vertente existencial e antropológica nunca é negligenciada. E, se neste aspecto podemos encontrar uma afinidade eletiva, ela será certamente Virgílio Ferreira e a sua interpretação do mito como *interrogação inicial*.

“*Indefinido pressentimento de uma presença totalizante*”, também na expressão de Virgílio Ferreira, o mito é, independentemente da configuração narrativa e metafísica que assuma, um pólo organizador da vida. Desempenha a “*decisiva função organizadora da vida do homem, ordenando essa mesma vida em vista a um fim, organizando a estrutura moral de cada ser humano, (...) os modos de interiorização e de exteriorização do ser concreto e singular de cada um de nós*”¹⁰.

A obra de António Braz Teixeira, no termo da multiplicidade de análises e interpretações, conduz-nos à intuição de que no mito, por sua própria condição essencial, mesmo que mistério metafísico e mistério humano não coincidam ou algum não seja manifesto, eles se convocam mutuamente na criação e explicitação de sentido, que em última análise é o sentido que o homem dá à sua própria existência.

⁹ Pereira da Costa, Dalila – “*Entre desengano e esperança*”, Ed.Lello, Porto, 1996, p. 99.

¹⁰ Braz Teixeira, António – “*A Teoria do Mito na Filosofia Luso-Brasileira Contemporânea*”, p. 135.